

O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino:

Eva e Lilith em Pandora¹

Ester Zuzo de Jesus²

Resumo

Ao aproximar as figuras míticas de Eva e de Lilith à de Pandora, em uma análise comparativa, verifica-se a existência de um mito feminino, que sob domínio patriarcal, atua de forma ambígua e complexa. A relação dialógica estabelecida pela presença do mito de Pandora em *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, e no Capítulo VII, “O Delírio”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ilustra essa atuação feminina. Por meio de comparações, interligam-se as três figuras míticas da primeira mulher, evidenciando suas similitudes e disparidades, o que possibilita chegar a um mito feminino primordial, eterno, presente em Pandora, Eva e Lilith de toda mulher. As teorias utilizadas para tal aproximação permeiam a Literatura Comparada, de Nitrini e Carvalhal, o Dialogismo bakhtiniano e o Mito, de Eliade.

Palavras-chave: Hesíodo e Machado de Assis; Mito feminino; Pandora, Eva e Lilith.

Pandoras: Hesiódica e Machadiana

Apresenta-se o mito Pandora e, por conseguinte, a possível aproximação dos textos de Hesíodo e de Machado de Assis, comparados de forma a mostrar que o dialogismo bakhtiniano está presente. Tendo em vista que esse diálogo se estabelece na relação com o outro (BAKHTIN, 1988, p. 75), esses textos possuem pontos de contato de forma peculiar, como se vai mostrar a seguir.

Pandora, de origem grega, *pan*, significa “todo” e *dôron*, “dom, presente”, isto é, todos os dons ou dotada de tudo. Religiosamente, ela é a divindade da fecundidade na terra. Na mitologia grega, ela é a filha primogênita de Zeus, dotada de belezas materiais e

¹ Este artigo é resultado da pesquisa realizada para o Trabalho de Graduação Interdisciplinar (T.G.I.) do curso de Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Possui Graduação em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com habilitação em Português e Inglês (2009). Foi pesquisador do Centro de Comunicação e Letras da UPM pelo grupo de pesquisa LEMI: Letras, Epistemologia, Memória e Identidade sobre a História do Curso de Letras da UPM (2008).

atributos dados pelos deuses do Olimpo (BRANDÃO, 1997, p. 168). Foi enviada com uma caixa a Epimeteu, como presente de casamento, com o propósito de castigar os mortais por aceitarem o fogo, até então de domínio divino, das mãos de Prometeu. Dentro da caixa, estavam os males que foram liberados. Sucintamente, este é o mito grego que explica a existência dos males e dos sofrimentos da humanidade.

Assim, analisando a simbologia da caixa, ela é o inconsciente e o corpo materno, contém um segredo, pois “encerra e separa o mundo daquilo que é precioso, frágil ou temível” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 164). Já quando Pandora é representada com o vaso, há a noção de tesouro que ele comporta, é onde se operam maravilhas, é o seio materno e útero das metamorfoses. Por fim, quando aparece com uma jarra, esta simboliza a abundância, inesgotável. Pode representar também a bebida da imortalidade, da vida. Pandora em si simboliza a origem dos males da humanidade e, segundo sua lenda, o homem tem o fogo contra a vontade divina e, por isso, recebe contra sua vontade os malefícios da mulher. Portanto, a mulher é o preço do fogo, que trouxe o poder para a humanidade, mas também a desgraça. Pandora, então, torna-se símbolo do “fogo dos desejos que causam a desgraça dos homens”. (p. 681).

Esse mito, por um lado, foi registrado por Hesíodo, com as tintas literárias, a Pandora que era conhecida pela tradição oral até então; por outro, Machado de Assis utilizou-se do mito em seu texto, com diferenças relevantes, porém não descaracterizando sua essência. Constata-se, primeiramente, a possível presença do dialogismo estabelecido entre eles e, com a marca intertextual delineada por meio do mito. Entretanto, as duas obras têm finalidades diferentes porque Hesíodo tenciona ensinar que o trabalho e a justiça são necessários, dando conselhos aos agricultores e navegantes. Por sua vez, Machado de Assis tem a ambição de criticar, denunciando uma situação de degradação social gerada pelo capitalismo na sociedade brasileira do século XIX. O mito, por sua atemporalidade, em Machado, também exerce uma função: a de ilustrar e a de exemplificar, com os gritos irônicos da denúncia.

Deste modo, em *Os trabalhos e os Dias*, Hesíodo posiciona-se como poeta inspirado e invoca as Musas e Zeus, para que ouçam seu pronunciamento a Perses, seu irmão. Ele explica como a raça humana deixou de viver tranquilamente, longe do mal, das doenças e da fadiga, configurando como uma realidade passou a existir, o que o caracteriza como uma narrativa sagrada de “um tempo primordial” (ELIADE, 1972, p. 11), por explicar uma origem, ou melhor, a função do mito. Nesta função explicativa e

exemplificadora, o poeta mostra exatamente, com a mitologia, como foi criada a primeira mulher.

Pandora foi criada por Zeus, que deu ordens a Hefestos para que modelasse da terra e água e pusesse voz e força humana, além de feições semelhantes às deusas imortais, com forma de virgem. Depois, todos os deuses colocaram dons na criatura, tanto qualidades como defeitos. Atena lhe ensinou os trabalhos. Afrodite devia lhe pôr além da graça, um terrível desejo e preocupações devoradoras de membros. Ao mesmo tempo em que recebe beleza, possui desejo terrível, configurando sua dualidade boa e má. Hermes, o astuto deus, pôs espírito de cão, que “indica sua capacidade de absorver, com seu ardor alimentar, toda a energia do macho” (LAFER, 2006, p. 69). Recebeu colares de ouro e flores. Por fim, Hermes colocou em seu peito “mentiras, sedutoras palavras e dissimulada conduta” (HESÍODO, 2006, v. 78). Ela recebeu o nome de Pandora, por possuir todos os dons.

Após ser enviada a Epimeteu como um presente de casamento, Pandora retirou a tampa do jarro e os males, que lá estavam enclausurados, saíram, dispersaram-se pelo mundo. Cumpriu-se, então, a vingança divina, revelada na figura feminina de Pandora, detentora de um bem divino em forma de presente que se configurou no mal à humanidade – tanto ao homem quanto à mulher.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o capítulo VII, “O Delírio”, dialoga com o texto de Hesíodo, estabelecendo uma intertextualidade por meio do mito. Esse capítulo, na tipologia de Bakhtin acerca da literatura cômico-fantástica, inclui-se no que se refere à “frequência da representação literária de estados psíquicos aberrantes: desdobramentos da personalidade, paixões descontroladas, delírios” (MERQUIOR, 1972, pp. 13-14). Assim, o capítulo do Delírio apresenta-se com uma definição bakhtiniana, ou seja, o chamado de estado psíquico aberrante, isto é, uma circunstância em que a mente se desvia.

A transposição do mito à obra machadiana se faz com um traço de aspecto peculiar, ao atualizar (ou reatualizar) o mito de Pandora, pois aparece por meio de um delírio de morte da personagem, o protagonista Brás Cubas. Ele inicia a narrativa da seguinte forma: “Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio. Faço-o eu, e a ciência me agradecerá” (ASSIS, 2008, p. 632). Percebe-se, já de antemão, que a personagem vai narrar algo inédito, ainda não veio a público. Esse ato de narrar algo ainda não descoberto já fora explorado antes. Esta é a forma peculiar pela qual se apropriou Machado de Assis, ao reatualizar o mito e inseri-lo em um momento de delírio, ou de breve loucura.

Brás Cubas, defunto-autor, conta que viu chegar um hipopótamo, que o carregou depressa para a origem dos séculos. Tinha curiosidade em saber onde ficava esse lugar. Revela-se aqui uma busca pelo conhecimento primeiro e secreto a qualquer mortal. Essa curiosidade é típica do mito de Pandora, que, nesse texto, não é bem uma curiosidade, como se vai mostrar adiante. Então, pode-se pensar que tanto em uma obra quanto em outra, que a figura do poeta-narrador, quanto do personagem-narrador, procuram demonstrar a busca do ser humano, a busca de um conhecimento, pautado em uma verdade ou em verdades.

Neste aspecto, o protagonista eleva o seu relato ao mais alto ponto durante sua narração, pois se trata de reflexões que levarão a uma descoberta única. O poeta grego tem um posicionamento semelhante ao invocar as Musas e chamar Zeus a ouvir o que vai dizer a Perses. Ambos elevam o que se vai enunciar ao campo do divino e imortal. Comprova-se dessa forma que, por mais distantes que estejam as obras pelo marco temporal e espacial, podem ser comparadas e analisadas: o poeta se eleva, por meio das Musas, ao monte olímpico e o protagonista Brás Cubas, a um espaço atemporal com seu delírio doentio, para demonstrar uma humanidade mais do que doente.

Depois, Brás Cubas vê Pandora: “um vulto imenso, uma figura de mulher [...] fitando-me uns olhos rutilantes como sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas.” (ASSIS, 2008, p. 633). Entretanto, não a compreende, porque seus contornos se perdiam, era espessa e diáfana. Sendo opaca, sólida e, ao mesmo tempo, impedir a visão, permitindo-se ver através, ela é ambígua. Essa dualidade também se verifica na Pandora de Hesíodo, pois suas qualidades são positivas e negativas, como a beleza de deusa e espírito de cão. Ela se apresenta, dizendo: “Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.” (p. 633), posicionando-se por meio da linguagem, o que não ocorre no texto de Hesíodo, embora tenha recebido o dom da voz. Além disso, é mãe e inimiga, como no texto hesiódico, cheia de graça e espírito de cão.

Pandora, sendo mãe e Natureza, tem autoridade sobre a vida, a morte, o passado, o presente e o futuro; é mais poderosa e mais desenvolvida do que a Pandora criada por Zeus no texto de Hesíodo. Essa mudança configura uma “transcontextualização” (HUTCHEON, 1985, p. 48), pois o mito foi tomado de seu contexto original e, em um novo ambiente, recebeu novas atribuições, isto é, traz uma repetição com acréscimo e diferença, um distanciamento com ironia, bastante comum em textos machadianos.

A Pandora machadiana é misteriosa, enigmática possui total controle da expressão, é jovem e tem força e viço, como a Pandora hesiódica, pois o ar jovial, a força e viço confirmam as características daquela criada por Zeus. Além disso, a primeira tinha a beleza das deusas e espírito de cão; e esta, se tiver raivas, tem-nas no coração. Assim, as características negativas estão no interior de Pandora, na personalidade e, fisicamente, ela é tem a beleza das deusas em ambos os textos.

Então, Brás Cubas chama-a de fábula, ofende-a, diminui sua importância, mas não a compreende e continua: “Natureza tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?” (ASSIS, 2008, p. 634). Sendo ela a Natureza, é ela quem dá vida (mãe) e também quem tira a vida (morte / inimiga), para que o homem volte ao seio materno (terra).

Justificando seu nome, ela diz: “Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens.” (p. 634) . Com este trecho, Machado de Assis lança o questionamento acerca de a esperança ser um bem ou um mal ao homem, visto que fica em aberto se é o maior de todos os bens ou males, a consolação dos homens. Provavelmente, segundo a concepção machadiana, pode-se dizer que a esperança se torna uma mera ilusão, que impulsiona o homem aos ideais, aos sonhos e que, muitas vezes, os transforma em decepções.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, a jarra é uma metáfora de Pandora em si, porque sua criação é semelhante a de um vaso. Ela é moldada, adornada pelos deuses, é um depósito dos atributos divinos. Nesse contexto, o vaso (*píthos*), aparece sempre dentro da casa, serve para alimentar, pois comporta os grãos da colheita. Esse alimento vem por meio do trabalho com a terra, o que Hesíodo quer ensinar. (LAFER, 2006, p. 66). Por outro lado, a bolsa da Pandora machadiana mostra uma outra intenção.

Na Idade Antiga, usava-se o alforje, uma bolsa de couro utilizada pelos homens, com o objetivo de carregar alimentos ou dinheiro. Já nos séculos XVIII e XIX, as roupas perderam seus bolsos internos e as bolsas tinham essa função de transportar dinheiro. Com a Revolução Industrial, as mulheres passam a sair mais nas ruas, mais independentes e ativas. A bolsa passa a ser um objeto importante da nova convenção social. Essa transposição feita por Machado de Assis, ao trocar a jarra por uma bolsa, mostra que a Pandora está mais moderna, ao ser inserida neste contexto atual, independente, mais ativa, ou melhor, Pandora se apresenta reatualizada em uma “transcontextualização”, como já se

demonstrou aqui. Além disso, o autor alegoriza a sociedade de consumo, materialista. A ambiguidade de Pandora está em praticamente todos os seus aspectos, inclusive nessa crítica, pois ao mesmo tempo em que ela mostra/denuncia um sistema que destrói a humanidade, ela se rende a esse sistema. A bolsa, nesse contexto, representa uma metáfora do capitalismo que Machado de Assis quer criticar, assim como a jarra é metáfora do trabalho que Hesíodo quer ensinar.

Esta nova Pandora também traz consigo os males, como a Pandora hesiódica, outra característica que as aproxima. Entretanto, traz ainda os bens em sua bolsa, mostrando que ela é novamente ambígua, pois tanto pode ser boa como má. Por isso, seu olhar fascina Brás Cubas; ele não a decifra. Ela, então, acrescenta: “não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei.” (ASSIS, 2008, p. 634). Então ela é mãe e Natureza, dá a vida e a toma de volta.

Quando Brás Cubas pede por mais um pouco de vida, ela mostra-se cruel, irônica, sarcástica e trata-o como se ele nada significasse. Pelo poder que ela possui, pode-se dizer que toma postura de Deus, pois tem poder divino. Brás Cubas, então, pede por sua morte: “Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a cousa é divertida? mas digere-me.” (p. 635). É sendo digerido que ele pretende voltar à Natureza, voltar para a terra de onde saiu (mãe). Os objetos já se perdiam, tal era a velocidade com que passavam os séculos e um nevoeiro cobriu tudo.

Analisando o corpo materno, tem-se o como símbolo o mar e a terra, pois a vida e a morte são correlatas, isto é, “Nascer é sair do ventre da mãe; morrer é retornar à terra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 580). Deste modo, Pandora é a generosa mãe que alimenta, a Natureza que dá vida e, ao mesmo tempo, a captadora e castradora morte que põe fim à vida, a inimiga prejudicial causadora de dano. Esse aspecto destrutivo a aproxima da Pandora hesiódica, pois, como ela, é um bem que traz o mal.

Pode-se inferir que há entre o capítulo VII, “O Delírio”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a primeira parte de *Os trabalhos e os Dias* uma intertextualidade explícita. Esse diálogo se concretizou pela presença do mito de Pandora, tanto pela mulher criada por Zeus para punir os homens, como pela mulher que mostra a condensação dos séculos. Ambas carregam consigo a esperança, são figuras enigmáticas e ambíguas que se opõem em alguns aspectos e caminham paralelamente em outros.

Sobre o prisma da primeira mulher, Eva e Lilith possuem características em comum com Pandora. Demonstrar-se-ão, a seguir, essas similitudes, bem como as disparidades, projetadas sobre os dois textos já aqui comparados.

Eva e Lilith: A Primeira Mulher

Destacam-se as características de Eva e de Lilith, a fim de aproximá-las como mito da primeira mulher. Eva, do hebraico, “vivente” ou “a que dá vida”, é a primeira mulher, esposa de Adão e mãe dos viventes. Eva “foi feita (literalmente formada) por Deus a partir de uma das costelas de Adão” (PFEIFFER *et alii*, 2007, p. 711).

Sua criação está ligada à criação do homem. No texto bíblico hebraico-cristão, está descrita a criação do homem e da mulher à imagem e à semelhança de Deus, após a criação da terra, plantas e animais, no capítulo primeiro. Essa é considerada a verdadeira criação, *ex nihilo*, do nada, por meio da fala. Assim, “... Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.’ [...] E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher.” (Gen 1:26-27). Interessante é constatar, pelo trecho bíblico, que antes de haver um relato pormenorizado sobre a formação do homem Adão e a da mulher Eva, já existe uma referência sobre a criação divina da humanidade: criou-os, o ser homem e o ser mulher. Depois, entregou toda sua criação aos dois, para que a dominassem, dela se alimentassem e povoassem a terra com seus descendentes.

No segundo capítulo, Deus plantou um jardim em Éden no Oriente, onde colocou o homem, impondo-lhe a condição única para sua existência: não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Deste modo, para que o homem vivesse em harmonia e em paz, deveria se subordinar a Deus e obedecer a esta condição. Em seguida, Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante.” (Gen 2:18).

“Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, modelou uma mulher e mostrou-a para o homem.” (Gen 2:21-22). Deus cria a mulher a partir da costela, criada do lado, para ser sua companheira. Quando o homem a viu, exclamou: “Essa sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” (Gen 2:23).

No terceiro capítulo de *Gênesis*, está descrita a origem do mal. Eva não poderia comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois poderia morrer.

Entretanto, a serpente lhe diz que eles não morreriam por isso, “Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (Gen 3:5). Comer daquele fruto era ter a pretensão de ser Deus, autossuficiente. “Quando o homem se torna auto-suficiente, se rebela contra o projeto de Deus e faz o seu próprio projeto: liberdade e vida só para si mesmo.” (BALANCIN; STORNILO, 1997, p. 16), isto é, ter conhecimento do bem e do mal pode gerar a degradação do homem, como se verifica nos trechos seguintes.

A mulher, então, pecou e depois deu o fruto ao marido. A tentação da serpente se configura no pecado cometido pela mulher e, em seguida, pelo homem, guiado pela mulher. A primeira consequência desse ato foi homem e mulher perceberem que estavam nus e se esconderam de Deus, porque tiveram medo. Quando Deus os encontra, o homem diz ter recebido o fruto da mulher, e esta dissera tê-lo recebido da serpente. (Gen 3:11-13). Pelo pecado cometido, todos foram punidos.

Primeiramente, Deus pune a serpente, dizendo: “Por ter feito isso, você é maldita entre todos os animais domésticos e entre todas as feras. Você se arrastará sobre o ventre e comerá pó todos os dias de sua vida.”. Ela seria, também, inimiga da mulher e de seus filhos, ferindo-lhes o calcanhar. (Gen 3:14-15). A mulher, por sua vez, recebeu seu castigo também conforme as palavras de Deus: “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará”. (Gen 3:16). O ato de comer o fruto, a vontade de adquirir conhecimento do bem e do mal, explica como a dor do parto e a submissão feminina ao homem passaram a existir.

Então, o homem é punido por dar ouvidos à mulher e Deus disse: “maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos.”. O homem passa a ter de plantar o que come, por isso, terá de comer com o suor do rosto. (Gen 3: 17-19). O homem gerou a necessidade do trabalho, lavrando a terra para a qual retornará, voltando para a natureza da qual fora criado.

Simbolicamente, Eva representa, antes do pecado e junto com Adão, a incorruptibilidade; após o pecado, ela é a tentação dele. A serpente distingue-se de todos os animais terrestres, é uma criatura fria, sem patas, sem pelos, sem plumas, brinca com os sexos; é fêmea e macho, possui arquétipos ligados à noite fria e à sombra. Representa também a fecundidade, mestre das mulheres e é condenada pela cristandade.

Analogamente, há dualidade em seus aspectos, pois seu veneno tanto mata quanto cura, quando nas doses certas; resume regeneração, imortalidade e é símbolo da medicina; representa a sabedoria na mitologia grega, sempre ao lado de Atena, deusa da sabedoria.

A serpente é guardiã do conhecimento do bem e do mal. Assim, “os mitos da busca da imortalidade ou da juventude ostentam uma árvore de frutos de ouro ou de folhagem miraculosa, que se encontra ‘num país longínquo’ (na realidade, no outro mundo) e que é guardada por monstros (grifos, dragões, serpentes)” (ELIADE, 2001, pp. 124-25). Deve-se lutar contra os monstros, submeter-se a uma prova iniciática para obter a condição divina, invencibilidade. Eva passa por essa prova, desobedecendo a Deus, para possuir o conhecimento. A serpente é considerada a manifestação do demônio que tenta Eva a cometer o pecado e, portanto, uma afronta a Deus.

O demônio feminino, geralmente, é manifestado por meio do espírito de Lilith de acordo com algumas culturas, como a suméria, árabe e outras. Conforme a tradição judaica, Lilith não se entendia com Adão, sobretudo porque não queria estar por baixo dele durante o enlace conjugal. Ela estava insatisfeita, desejava liberdade, mudança e fuga, pois foge para o Mar Vermelho. Nas mitologias a seu respeito, ela é repleta de imagens de desolação, diminuição, vingança e raiva.

Lilith é conhecida como um demônio noturno de cabelos longos, uma força, um poder, uma renegada e um espírito. Tem aspecto humano, mas possui asas e “sobrevoa as mitologias suméria, babilônia, assíria, canoneia (ou cananea), persa, hebraica, árabe e teutônica” (KOLTUV, 1997, pp. 9-13). É também popular por agarrar os homens e mulheres que dormem sozinhos e provocar-lhes orgasmos noturnos e sonhos eróticos.

Na tradição histórico-religiosa, seu aspecto era de terrível deusa-mãe. Além disso, quando encarada por um homem, seu aspecto é de “prostituta divina ou, psicologicamente falando, aquele da alma sedutora, fica mais em evidência” (HURWITZ, 2006, p. 33). Quando encarada por uma mulher, tem aspectos da terrível mãe, prejudica mulheres grávidas e rouba as crianças recém-nascidas. Sempre propensa a matá-las, bebe seu sangue e suga os ossos, por isso é chamada “a estranguladora”.

Na *Bíblia* Cristã, ela somente aparece no livro de Isaías (34:14-15). O texto “é uma crítica veemente às grandes potências, anunciando a falência delas. Soa como grande intimidação frente ao orgulho e à injustiça com que os poderosos desfiguram a integridade da vida humana” (BALANCIN; STORNILOLO, 1991, p. 977). Então, o texto critica a opressão e, nesse sentido, menciona imagens fortes dos oprimidos.

Nesse capítulo, segundo a visão do profeta Isaías, Deus condena os opressores, convidando-os para ouvir e, descreve a destruição das gerações que serão abandonadas, “Seus herdeiros são o pelicano, o ouriço; a coruja e o urubu fazem aí sua morada. Javé estenderá aí o prumo do caos e o nível da confusão.” (ISAÍAS 34:11). Em seguida,

Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilit vai descansar, encontrando um lugar de repouso. Aí vai se aninhar a cobra, que botará, chocará os seus ovos e recolherá sua ninhada em sua sombra; aí se reunirão as aves de rapina, cada qual com sua companheira. (Is 34:14-15).³

Analisando o trecho, Lilith encontra-se entre animais de carga negativa, como urubu e coruja, hiena, animais da noite, que comem carne em decomposição, ratos e etc., são impuros e causam repulsa. Ela foi amaldiçoada por Deus a viver assim, banida.

Lilith apresenta um aspecto dual, grande mãe terrível e *anima* sedutora. Nessa tradição, pode-se dizer que o feminino sempre foi visto como ameaçador, foi desvalorizado e demonizado. Já “a literatura interessa-se, sobretudo por Lilith, a revoltada, que na afirmação do seu direito à liberdade e ao prazer, à igualdade em relação ao homem, perde a si própria, assim como perde aqueles que a encontram” (BRUNEL, 1997, p. 583). Assim, Lilith é citada pela carga negativa que representa.

Pode-se, neste momento, trazer à tona um texto literário em que Lilith aparece. Em *Fausto* de Goethe, após cerrar o pacto com Mefisto, Fausto sai da realidade e participa de uma festa com bruxas, demônios e fantasmas, a “Noite de Valpúrgis”, quando ele dança com Lilith. Antes, pergunta quem é ela e Mefisto lhe diz que é a esposa número um de Adão. “Cautela com a formosa trança, / Que, unicamente, a adorna até a ilharga.” (GOETHE, 2004, p. 461). Lilith é descrita com cabelos longos, nua, com poder de seduzir os homens, características consoantes ao que se sabe dela.

Portanto, a figura de Lilith é ambígua, possui origens diversas e contraditórias, mas sempre se mantém seu aspecto negativo, destruidor e demoníaco. Ela está em constante mudança e se manifesta em todo e qualquer sentimento negativo tanto na mulher que se revolta, quanto no homem que liberta desejos ocultos. Sua figura tem sido omitida, mas a tradição da mitologia judaica, suméria e outras ainda preservam sua história. Mesmo que omitida da própria escritura sagrada, há vestígios que comprovam sua presença no texto de Isaías, mesmo com nomes diferentes nas diversas traduções.

³ A versão bíblica utilizada é: *BÍBLIA* Sagrada, Edição Pastoral. Tradução, introduções e notas: BALANCIN, E. M.; STORNILOLO, I. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1991. Esta versão traz o nome de Lilith no texto.

Considerando Lilith como a serpente que faz com que Eva peque, pode-se, em uma linha dialógica, ilustrá-la com um afresco de Michelangelo, situado no teto da Capela Sistina, que mostra, em beleza celestial, o pecado original e a queda do Paraíso.



http://www.bestpriceart.com/vault/wgart_-art-m-michelan-3sistina-1genesis-4sin-04_3ce4.jpg

Nele, Adão e Eva estão sob a árvore do fruto proibido e, no tronco da árvore uma mulher, metade serpente, está enroscada. Eva aceita o fruto de sua mão. Ela é, conforme a *Bíblia*, a serpente que distorceu a palavra divina para convencer Eva. No entanto, retratada com tronco de mulher e com a parte inferior de serpente, pode ser considerada Lilith, pois, criada juntamente com Adão, possui forma humana, sob a ótica pictórica de Michelangelo, o que comprova esta análise interpretativa.

Entrelaçando os Mitos

Deste modo, se Eva é a primeira mulher para a cultura hebraico-cristã e Lilith, para a mitologia suméria, hebraica e etc., ambas podem ser aproximadas à Pandora, a primeira mulher, que carrega o Bem e o Mal, na visão da Mitologia Grega, ou talvez as duas mulheres reunidas: Lilith e Eva, pois se comprovam as características de Eva e de Lilith nos textos, até então estudados, de Hesíodo e de Machado de Assis.

Eva é criada com intuito de fazer companhia ao homem, com um propósito determinado de Deus. Nesse aspecto, aproxima-se de Pandora, pois esta também fora criada por Zeus, mas com outro propósito, o de castigar aos homens por terem aceitado de Prometeu o fogo roubado dos deuses. A criação da mulher tanto na visão hebraico-cristã quanto na mitologia grega participou da necessidade do trabalho e resultou no distanciamento homem-divindade. Esse rompimento marca o início de uma nova era fora

do Paraíso, início do trabalho, das desavenças, do progresso, das violências, da corrupção, da história das gerações contadas na *Bíblia*.

Eva fora seduzida pela serpente, provavelmente Lilith, mas Pandora carrega, em si, características demoníacas tais como as da serpente, por possuir o espírito de cão e ter uma conduta dissimulada. Ela abre o jarro e dispersa os males, embora, essa ação simplesmente faça a vontade divina acontecer, pois ela é um presente punitivo, mas um presente belo aos olhos masculinos. Eva peca desafiando ao próprio Deus, sabendo estar errada e que poderia morrer, o que figuradamente significa o sofrimento como consequência grave àquele que comer do fruto proibido.

Já a Pandora, de Machado de Assis, é ambígua contendo as opostas Eva e Lilith em si. Quando Brás Cubas sente curiosidade e quer saber onde fica a origem dos séculos ao encontrar Pandora, a curiosidade de Eva pode ser associada ao momento da própria descoberta proporcionada por Pandora e, neste sentido, ela permite um conhecimento análogo ao que Lilith detinha e persuadiu Eva a experimentar. Lilith é mãe terrível e sedutora demoníaca. Pandora não se mostra como demoníaca, mas tem um olhar que fascina Brás Cubas, que quer ser devorado por ela para voltar ao local de onde veio, à Natureza, à terra, ao pó, pois Natureza é aquela que dá a vida e depois a toma de volta.

Lilith é a assassina de crianças, sobretudo porque não pode ter filhos e tem inveja das mães que podem. Esse aspecto não se verifica em Pandora, mas conforme Brás Cubas, ela tem um rosto indiferente, como o sepulcro, pois ela é a morte e tem a vastidão das formas selváticas, como o lado animalesco de Lilith, mas que é ao mesmo tempo rejeitada e revoltada, incompreendida por todos. Entretanto, Lilith não é divina como Pandora, dona da situação e com voz diante do mortal. É esse poder que Lilith gostaria de ter, pensando que ela está do lado oposto a esse de Pandora ou Natureza.

A partir do exposto, conclui-se que Eva e Lilith estão em oposição, pois se trava uma luta entre dar à luz, cuidar dos filhos e a necessidade de gerar e de nutrir obras e ideias com liberdade. As mulheres que combinam maternidade e trabalho estão se dividindo entre Eva e Lilith o tempo todo. Lilith é, sobretudo, a qualidade que se manifesta na mulher que se nega a estar aprisionada, pois Lilith escolhe o deserto, não quer se submeter ao poder masculino. Eva é a que se encarregou de ser mãe, procriar-se, vivendo para os filhos e para o marido, atitude esta praticada por muitas mulheres que são mães e não trabalham. Embora tenha acatado ao marido, em primeiro lugar, Eva teve impulso de ter o conhecimento.

Com a finalidade de traçar um percurso e, finalmente, um perfil do mito feminino, pode-se dizer que subjaz tanto em Pandora quanto em Eva a figura demoníaca de Lilith. Todas estão submetidas à perspectiva masculina, imposta pelo patriarcalismo, pois Pandora, criada com propósito de vingança de Zeus para com os homens, possui em si o mal que desencadeará a desgraça humana; e Eva, criada com propósito de fazer companhia a Adão, instigada pela serpente, peca quando ambiciona conhecer do bem e do mal, dando início à desgraça humana na terra. Constatam-se então atuações que geram consequências negativas e irreversíveis ao mundo, isto é, possíveis manifestações do espírito de Lilith.

Deste modo, o mito feminino está sempre permeado por essa carga de malefício que Lilith gera, sem serem levados em conta outros aspectos que não sejam tomados da perspectiva patriarcal, pressupondo subordinação e obediência. A figura feminina, de uma forma ou de outra, é ligada ao demoníaco, inferior e oprimido. Além disso, a presença da figura mítica feminina possibilita, com a descrição de sua atuação, que sejam feitas críticas à sociedade por sua forma de agir e de se autodegradar, seja para ensinar seja para denunciar. Essa fragilidade de destruição de si mesma não está somente na mulher, mas no mundo que a circunda.

Sobretudo, o Mito Feminino pressupõe um interior ambíguo, dúbio, contraditório e complementar que constitui a mulher, instável e dona do seu equilíbrio ao mesmo tempo. Não a mulher expressa na literatura ou em outras expressões artísticas, mas aquela que inspira e faz existirem todas as criações possíveis e passíveis de leituras tão complexas, quanto seu próprio ser feminino. Esse misto de Pandora, Eva e Lilith, de mitológica, pecadora e revoltada, que não calou, não cala e jamais calará.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

BAKHTIN, M.. *Questões de Literatura de Estética: a teoria do romance*. São Paulo, Hucitec, Editora da UNESP, 1988.

BALANCIN, E. M.; STORNILO, I. Tradução introduções e notas. In: *BÍBLIA* Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1991.

BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral. Tradução, introduções e notas: BALANCIN, E. M.; STORNILO, I. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1991.

BRANDÃO, Junito De Souza. *Mitologia grega*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, O. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: tragédia de Goethe*. São Paulo: Editora 34, 2004.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias: primeira parte*. Introdução, tradução e comentários: Mary de Camargo Neves Lafer. 5.ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HURWITZ, Siegmund. *Lilith: a primeira Eva*. São Paulo: Fonte editorial, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

KOLTUV, Bárbara. *O livro de Lilith*. São Paulo: Cultrix, 1997.

LAFER, Mary de Camargo Neves. Introdução, tradução e comentários. In: HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias: primeira parte*. 5.ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MERQUIOR, José Guilherme. “Gênero e estilo das <<Memórias Póstumas de Brás Cubas>>” In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 8, Jul. 1972, pp. 12-20. Disponível em: <<http://colquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=8&p=12&o=r>>. Acesso em: 19 mai. 2009.

MICHELANGELO, L. B S.. *Il peccato originale*. 1509-1510. Capela Sistina, Roma. Imagem disponível em: <http://www.bestpriceart.com/vault/wgart_-art-m-michelan-3sistina-1genesis-4sin-04_3ce4.jpg>. Acesso em: 17set.2009.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.